



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DA NATUREZA E
MATEMÁTICA PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

ISAIAS PEREIRA DE ARAÚJO

**A MOBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NO
COTIDIANO DE UM TRABALHADOR CAMPONÊS.**

**SUMÉ - PB
2018**

ISAIAS PEREIRA DE ARAÚJO

**A MOBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NO
COTIDIANO DE UM TRABALHADOR CAMPONÊS.**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Professor Me. Nahum Isaque dos Santos Cavalcante.

**SUMÉ - PB
2018**

A659m Araújo, Isaias Pereira de.

A mobilização de conhecimentos matemáticos no cotidiano de um trabalhador camponês. / Josefa Cláudia Hilário Pereira. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

16 f.

Orientador: Professor Me. Nahum Isaque dos Santos Cavalcante.

Artigo Científico - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática para Convivência com o Semiárido.

1. Matemática e vida cotidiana. 2. Conhecimentos matemáticos. 3. Trabalhador camponês - matemática. I. Título.

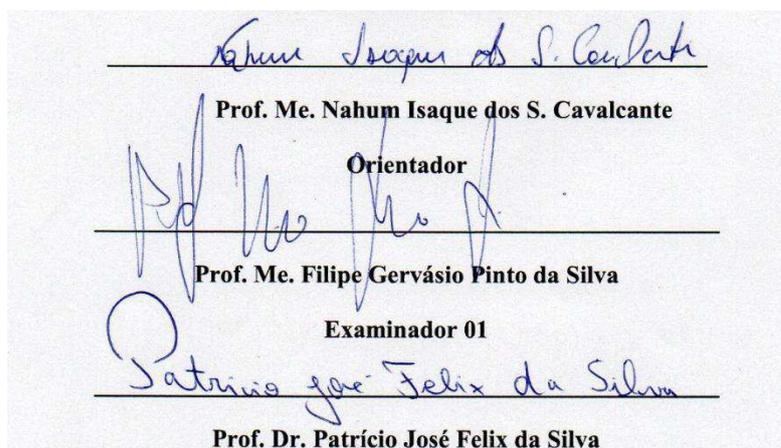
CDU: 51(045)

ISAIAS PEREIRA DE ARAÚJO

**A MOBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NO
COTIDIANO DE UM TRABALHADOR CAMPONÊS.**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA:



Trabalho aprovado em: 20 de abril de 2018.

SUMÉ - PB

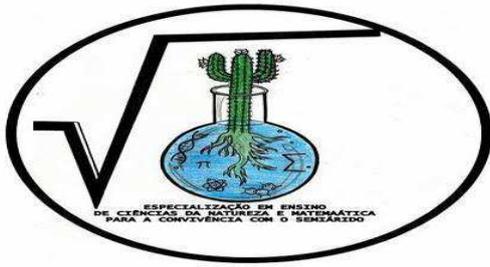
AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por nos conceder saúde e discernimento para passarmos por todas as etapas, a minha família e a todos/as que de algo forma contribuíram para a conclusão de mais uma etapa na minha vida.

Agradeço também a todos os/as colegas de turma que juntos podemos dividir compartilhar momentos de aprendizados e construção de conhecimentos que fez com que nossa caminhada se tornasse mais prazerosa.

Agradeço de forma especial ao meu orientador Me. Nahum Isaque dos Santos Cavalcante e a todos/as os/as professores/as que fizeram parte dessa caminhada contribuindo para a efetivação da mesma.

A matemática é uma atividade inerente ao saber humano, praticada com plena espontaneidade, resultante de seu ambiente sociocultural e conseqüentemente determinada pela realidade material na qual o indivíduo está inserido. (Parafraseando, Ubiratan D'Ambrosio).



A MOBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NO COTIDIANO DE UM TRABALHADOR CAMPONÊS

Isaias Pereira de Araújo

isaiasp_araujo@hotmail.com

Nahum Isaque dos Santos Cavalcante

nahum.isaque@ufcg.edu.br

RESUMO

O presente artigo, surge através de uma pesquisa de campo, onde o mesmo busca trazer os conhecimentos matemáticos do dia a dia dos camponeses de uma comunidade denominada Sacada zona rural do município de Sumé-PB, no Cariri paraibano. O objetivo consiste em apresentarmos um conhecimento próprio dos sujeitos que, diariamente utilizam para resolverem situações da vida cotidiana, conhecimentos esses que foram passados de geração a geração e que muitas das vezes ou quase nunca são lembrados em livros didáticos ou nas escolas. Nesse sentido nosso artigo tem como base, narrativas de alguns moradores da comunidade supracitada. Onde através da fala de alguns, mais especificamente de um, o senhor Pedro, procuramos trazer embasamento teórico para discutirmos sobre matemáticas outras. Nos aportamos dos seguintes fundamentos teóricos; Etnomatemática, Matemática e cultura, Matemática e Cidadania e educação Matemática Crítica, esses aportes nos trazem reflexões de uma Matemática para a vida, valorizando assim, o saber local, a cultura, o contexto, o saber de cada grupo, do dia a dia do homem do campo, que para muitos nem existem. Nesse tocante, o artigo busca mostrar que podemos sim, utilizar/valorizar o contexto, para construção do conhecimento, buscando contextualizar a partir do local. Esse é o ponta pé inicial para fazermos Educação do Campo para os camponeses/as, valorizando seu contexto na busca pela construção do conhecimento.

Palavras chaves: Conhecimentos Matemáticos. Educação do Campo. Contextualização.

ABSTRACT

This article arises through a field research, where it seeks to bring the day-to-day mathematical knowledge of the peasants of a community called Sacada rural area of the municipality of Sumé-PB, in Cariri, Paraíba. The objective is to present a knowledge of the subjects that daily use to solve situations of daily life, knowledge that has been handed down from generation to generation and which are often or almost never remembered in textbooks or in schools. In this sense, our article is based on the narratives of some residents of the aforementioned community. Where through the speech of some, more specifically of one, Mr. Pedro, we try to bring theoretical foundation to discuss about other mathematics. We offer the following theoretical foundations; Ethnomathematics, Mathematics and Culture, Mathematics and Citizenship and Critical Mathematics education, these contributions bring us reflections of a Mathematics for life, thus valuing local knowledge, culture, context, the knowledge of each group, the day to day a man of the field, who neither exists for many. In this regard, the article seeks to show that we can, use / value the context, to build knowledge, seeking to contextualize from the local. This is the starting point for making Field Education for the peasants, valuing their context in the search for the construction of knowledge.

Key words: Mathematical Knowledge. Field Education. Contextualization.

INTRODUÇÃO

O conhecimento não é único, nesse sentido precisamos entender os diversos saberes que passam de geração a geração. No entanto, porque alguns conhecimentos utilizados no dia a dia do homem/mulher do campo muitas ou quase nunca são valorizados? Isso nos leva a refletir, será que esses saberes não têm valor, não tem importância? Mas, como até hoje muitos trabalhadores/as do campo usam conhecimentos que foram deixados por seus descendentes? Por que, ou quase nunca observamos em livros didáticos conhecimentos advindos dos saberes camponeses? São essas entre outras indagações que serão nosso ponto de partida para nossa pesquisa.

O presente artigo surge de várias indagações como supracitadas. Nesse sentido, o mesmo aborda questões, embate, diálogo entre o saber popular do dia a dia dos sujeitos/as camponeses do Semiárido Brasileiro, da comunidade denominada sitio Sacada no município de Sumé-PB e o saber acadêmico.

Segue uma análise qualitativa, onde o nosso procedimento de pesquisa foi através de entrevistas, relatos, filmagens ou fotos de grupos de trabalhadores/as do campo da comunidade citada anteriormente, sendo esse o nosso primeiro passo. A partir desse contexto buscamos mostrar os diversos conhecimentos do grupo, ou de trabalhadores que envolve saberes campestinos, e situações que podemos usar como ponto de partida para a construção do conhecimento científico na de sala de matemática. Nossa pesquisa busca mostrar como diferentes grupos utilizam de saberes matemáticos para resolver situações do dia a dia. Mostrar que existem conhecimentos diversos e que todos são importantes na formação do cidadão, que segundo Freire (1987, p.68), “não há saber maior nem menor há saberes diferentes”.

Pretendemos com essa pesquisa resgatar uma cultura que muitos nem conhecem, e através dessa, mostrar os saberes matemáticos existentes no dia a dia do homem/mulher do campo para um uso contextualizado em sala de aula de Matemática. No entanto, procuraremos através da pesquisa, utilizar situações que nos leve a construir o conhecimento numa ideologia mais campestina, não desmerecendo a urbanocêntrica, mas valorizando os saberes e conhecimentos do homem e da mulher do campo. Nesse sentido Rocha e Martins afirmam:

É necessário pensarmos nossas práticas educacionais, inclusive as que se referem ao conhecimento matemático, a partir de uma outra lógica diferenciada da lógica urbanocêntrica, quer seja a lógica da terra, a lógica do campo e, sobretudo, a dos sujeitos que ali vivem, constroem e defendem seu *modus vivendi*” (ROCHA & MARTINS, 2009, p. 1).

Contudo, como professores do campo precisamos trazer essa lógica para nossas salas de aulas, pois assim, estaremos fazendo com que o educando entenda que a Matemática, assim como outras ciências, está para resolver, entender e compreender situações do nosso dia a dia.

Nos referenciaremos através de estudos da Etnomatemática, onde através da mesma entenderemos sobre Matemáticas outras. Com essa perspectiva, buscaremos embasamento teórico para dialogarmos com os dados adquiridos através de nossa pesquisa de campo, onde utilizamos a técnica de análise de conteúdo (narrativas de trabalhadores campestinos), para a partir daí entendermos/trazermos o saber matemático para o nosso campo de diálogo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para realização do nosso trabalho buscamos fundamentos teóricos na perspectiva de educações matemáticas: Etnomatemática, Matemática e cultura, Matemática e Cidadania e Educação Matemática Crítica.

Reconhecer que existem “matemáticas outras” é algo estranho, pois fomos formados na perspectiva de uma educação Matemática universal, ou seja, a Matemática do livro didático, mas precisamos entender as outras matemáticas, essas outras Matemáticas estão no dia a dia do homem do campo, nos grupos indígenas, nas comunidades quilombolas, nas comunidades ribeirinhas, feira e entre outros povos e culturas.

O termo Etnomatemática foi utilizado pela primeira vez por Ubiratan D’Ambrosio em 1985. Onde o mesmo denomina de um programa que é:

[...] a matemática que é praticada por grupos culturais específicos, tais como sociedades tribais, grupos profissionais, crianças em certas fases do desenvolvimento, [...] e assim por diante. Sua identidade depende em grande parte dos interesses, motivações, e de certos jargões que não pertencem ao domínio da Matemática acadêmica. (UBIRATAN D’AMBROSIO, 1985, p. 45).

Em termos epistemológicos “[...] Etnomatemática é a arte ou técnica (techné = tica) de explicar, de entender, de se de desempenhar na realidade (matema), de um contexto cultural próprio (etno). A Etnomatemática é a matemática do dia a dia dos diferentes grupos sócias, ela emerge da cultura daquele grupo, na verdade do fazer, do viver do dia a dia das pessoas.

Esse termo surge através de pesquisa após o que D`Ambrósio destacou que o:

Fracasso da Matemática Moderna, na década de 70, apareceram, entre os educadores matemáticos, várias correntes educacionais desta disciplina, que tinham um componente comum – a forte reação contra a existência de um currículo comum e contra a maneira imposta de apresentar a matemática de uma só visão, como um conhecimento universal e caracterizado por divulgar verdades absolutas” (UBIRATAN D’AMBROSIO, 1985, p.03).

Não existe verdade absoluta, há muito tempo tem-se a ideia de uma matemática imposta, implementada pela elite, sem considerar nem se quer a cultura, o modo de contar, de dividir, de viver de diferentes grupos, dando a entender que a Matemática “importante, interessante é a do currículo universal.

A Etnomatemática, nos traz essa visão, de que a construção do conhecimento matemática pode se concretizar a partir dos próprios conhecimentos da cultura local, isso é, levando em conta os saberes do dia a dia, como relata D’Ambrosio (1985, *apud* Ferreira, 1993, p. 18):

Etnomatemática é programa no sentido Lakatosiano e propõe um enfoque epistemológico alternativo associado a uma historiografia mais ampla. Parte da realidade e chega, de maneira natural e através de um enfoque cognitivo com forte fundamentação cultural, a ação pedagógica. (UBIRATAN D’AMBROSIO, 1985)

Uma educação para formação do cidadão e cidadã precisa ser construída com sentido, e só partido do chão o qual pisamos, que esse conhecimento terá mais significado. Nesse sentido partiremos do local para o global, e voltamos para o nosso contexto.

Não podemos esquecer aqui, da Cidadania e a Educação Matemática, sabemos que a Matemática é uma das disciplinas que mais reprova, exclui pessoas de processos seletivos, mas que matemática? A Matemática dita universal que foi muitas vezes foi escolhida pela elite, pela classe opressora.

Nesse contexto,

A Etnomatemática é que possibilita a nossa libertação das verdades matemáticas universais e que respeita o aprendizado não acadêmico do cidadão. Então se buscamos uma cidadania construída interiormente na ação social e política, sem que seja determinada exteriormente por elites que se dizem “*donas do saber*”, e se esperamos que o espaço pedagógico contribua para a formação e constituição do cidadão, eu só vejo uma possibilidade a educação matemática através do Programa Etnomatemática (FERREIRA, 1993, p. 18).

Presenciamos quase que constantemente, por grande parte dos docentes, a transmissão de conteúdos Matemáticos seguindo de forma exatamente igual como está no livro didático, as situações, os exemplos e os exercícios, não queremos aqui dizer que o livro está errado, mas com certeza ele não vai está se referindo ao nosso chão, ao Semiárido, ou seja falando do nosso contexto, é nesse sentido que queremos chamar a atenção, primeiro precisamos, compreender/entender o nosso território. Precisamos de uma educação para vida, não para

receber apenas um diploma, uma educação que forme cidadãos e cidadãs críticos, conhecedores de seus direitos e deveres, para assim atuarem no mundo como um ser social.

A Matemática é uma ciência muito antiga, pois sabemos que o homem/mulher desde seu surgimento teve que desenvolver métodos de sobrevivência, como por exemplo a noção de “tempo e espaço” para assim se localizar. A Matemática como já citada, emerge de uma cultura, então matemática e cultura estão interligadas, nesse sentido não podemos apresentar a Matemática sem compreender, entender que existem diversas culturas e que cada cultura tem sua Matemática, como por exemplo o modo de comparar, contar, de dividir.

Nesse sentido, é o que relata Knijnik (1993, P. 37), “A Matemática precisa ser compreendida como um tipo de conhecimento cultural que todas as culturas geram, assim como geram linguagem, crenças religiosas, rituais e técnicas específicas de produção”.

Pensar a matemática de forma crítica é algo bem complexo, mas também indagar sobre a matemática que é imposta, matemática essa, pensada por um grupo da elite que ainda hoje tem a perspectiva europeia, se faz necessário.

Borba (1993, p. 45) relata dois problemas: primeiro “a valorização de uma única matemática desenvolvida por um único grupo cultural, mesmo que o grupo cultural seja aquele que é eleito pela sociedade como o especialista para estudar essa matéria, no entanto valorizar uma única matemática é não respeitar as matemáticas de outros grupos. Segundo “a matemática desenvolvida por matemáticos talvez não seja a mais importante para ser seguida por estudantes que, em sua maioria, não se tornarão matemáticos e, portanto, não deveria ser a única a ser norma na sala de aula (1993, p. 37-38)”.

Nessa concepção, a Matemática na sala, enquanto professores, precisamos levá-la com outras concepções, não podemos deixar levar pelo livro didático, precisamos tornar a construção do conhecimento Matemático partindo do cotidiano, mas consciente das diferentes matemáticas. A Matemática é mais prazerosa quando ela serve para resolver problemas do nosso dia a dia. E por que não, se ela está presente todos os dias em nossa vida?

3. O CONTEXTO: O SEMIÁRIDO

O contexto da pesquisa está situado no Semiárido brasileiro, na comunidade denominada de Sítio Sacada no município Sumé – PB, região da Borborema, microrregião do Cariri Ocidental, onde a cultura predominante é a agricultura, criação de caprinos, ovinos e bovinos, entre outras atividades a exemplo de trabalhos no campo, como: construção de cercas por empreitadas, capinagem para construção de pastagens, roçados e etc., o qual é o nosso campo de pesquisa. Segundo informações do Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA):

Quando falamos do Semiárido, estamos nos referindo a uma região que ocupa 18,2% (982.566 Km²) do território nacional, abrange mais de 20% dos municípios brasileiros (1.135) e abriga cerca de 11,84% da população do país. Mais de 23,8 milhões de brasileiros/as vivem na região, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), sendo aproximadamente 61,97% na área urbana e cerca de 38,03% no espaço rural (IBGE, 2010). Quase 41,3% da população são crianças e adolescentes na faixa etária de 0 a 17 anos. Um dado interessante com relação à população do Semiárido é que encontram-se nele 81% das comunidades quilombolas de todo o Brasil. A maior parte do Semiárido situa-se no Nordeste do país e também se estende pela parte setentrional de Minas Gerais (o Norte mineiro e o Vale do Jequitinhonha), ocupando quase 18% do território do estado.

O Semiárido se caracteriza por seu clima semiárido e índices pluviométricos anual em média de 500 a 800 mm, região de grandes estereótipos, devido a uma cultura da desvalorização da região, mas muitos já conseguimos sanar, pois são diversas e endêmicas as riquezas da nossa região. Não podemos esquecer do nosso contexto, então não poderíamos deixar de falar um pouco sobre nossa região.

4. NARRATIVA DE UM AGRICULTOR DA COMUNIDADE, SENHOR PEDRO JOAQUIM, MAIS CONHECIDO COMO PEDRÃO

O senhor Pedro é um homem que sempre viveu de atividades campesinas sejam elas capinando/brocando, construindo e remontando cercas, o mesmo sempre trabalhou alugado, ou seja, vendendo mão de obra, assim como muitos da região citada, o mesmo relata que só estudou até a 1ª série, e que muitos conhecimentos adquiriram no dia a dia.

No dia da entrevista o mesmo nos relatou que estava com uma empreitada. Sua fala foi a seguinte: “atualmente empreitei uns quadros de mato, mas pediram para fazer por ‘hectaro’, mas os caras (os donos de serviço) pediram pra fazer por conta, sendo R\$ 30,00 a conta, o

A MOBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NO COTIDIANO DE UM TRABALHADOR CAMPONÊS

Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática para a Convivência com o Semiárido.
abril de 2018.

mesmo relata que 20 contas dá R\$ 600,00, onde se refere ao hectare, em seguida o mesmo fala: um quadro é 25 contas e o hectare é 20 contas e um cubo de 5 de lado. O mesmo também relata que a conta é um quadro de 10 braças de lado”. As medidas: conta, hectare e quadro são medidas através da unidade de medida braça que é o instrumento medição do dia a dia.

Foto 01 - Seu Pedrão



Fonte: Pesquisa de campo

Em seguida indaguei ao mesmo sobre como medir essas medidas, durante a entrevista o mesmo chega a dizer, que o que usamos é o metro não mais a braça, mas os mesmos ainda usam a braça, seja por ser mais prático, seja por ser uma cultura que se tem desde de seus pais. Nesse sentido, eles usam a braça para medir a conta, o hectare, o quadro e as cercas. Outra informação que o senhor Pedro nos traz é que uma braça é “10 palmos”. Quando perguntei sobre a empreitada, o mesmo falou: “60 contas a 30 reais, que dá no total R\$ 1800,00”. No final pergunto sobre as medidas, e o mesmo me responde: “um quadro tem 25 contas, um hectare 20 contas e um cubo de 5x5 e a conta é 10 x 10 braças.

Não podemos negar que através do relato do senhor Pedro, podemos a partir daí construir vários conhecimentos matemáticos que estão taxados como fundamental na Matemática curricular. Nesse sentido construiremos conhecimentos partindo da realidade local, da cultura, dos costumes da vida cotidiana do homem/mulher do campo.

Contextualizar é colocar alguém no contexto, situar a pessoa no lugar e no espaço, trazer situações da realidade local é fundamental para o processo de ensino/aprendizagem. Para Vasconcellos (2008),

[...] contextualizar é apresentar em sala de aula situações que dêem sentido aos conhecimentos que desejamos que sejam aprendidos, por meio da problematização, resgatando os conhecimentos prévios e as informações que os alunos trazem, criando, dessa forma, um contexto que dará significado ao conteúdo, isto é, que o conduza à sua compreensão.

Precisamos entender que a matemática está no nosso dia a dia, assim como está no dia a dia dos diversos grupos sociais, tais como: camponeses, índios, quilombolas, ribeirinhos e assentados.

Então é importante conhecermos seus costumes, seus saberes para a partir daí trabalharmos esses saberes em sala de aula de Matemática, partindo do local para o global.

Dessa forma, acreditamos que construiremos o conhecimento com mais significado, pois estaremos partindo de situações reais e locais, não com situações fictícias que estão nos livros didático, que foram construídos pensados com uma visão elitista, de uma outra realidade, sem levar em conta a cultura as especificidades das diversas etnias que existem no nosso território.

Precisamos proporcionar uma educação que construa conhecimentos para convivência com a realidade local, mas entendo o micro e o macro, o micro é o nosso território e o macro é o global. Nesse sentido enfatiza, Conte e Pontel no livro *Transição paradigmática na convivência com o Semiárido*, página 30, onde os mesmos destacam diversas ações para convivência com o Semiárido: “a promoção de uma educação contextualizada que possibilite conhecimentos adequados à convivência com essa realidade.”

5. DA “VIDA” PARA “SALA DE AULA DE AULA”

A narrativa do Sr. Pedro, na qual era um trabalho que o mesmo estava fazendo, podemos usar para construirmos vários conhecimentos sobre alguns conteúdos: 1º conteúdo: regra de três. Por exemplo, quando o mesmo relata que destoca (capina) uma conta de mato por R\$ 30,00.

Contas	R\$
1-----	R\$ 30,00
60; ns -----	R\$ X?

2º conteúdo: unidade de mediadas que o mesmo relata: O quadro, a conta e hectare e a braça. Devemos lembrar que essas unidades de medidas são do dia a dia dos camponeses, apenas o hectare podemos encontrar em livros, as demais não tenho conhecimento.

O mesmo já sabe que o quadro tem 25 contas, o hectare 20 contas e $\frac{1}{4}$ de uma conta, que é, o que ele fala, “um cubo de 5 braças de lado”. A conta ele fala que é um quadrado de lado 10 braças. A partir dessas informações podemos trabalhar unidades de medidas, como por exemplo: O hectare é uma medida do nosso dia a dia e do nosso conhecimento, onde essa unidade de medida mede em metros 10.000 m² (dez mil metros quadrados). Com essa informação podemos encontrar a área do quadro e da conta em m². Podemos transformar as unidades de medidas do dia a dia, assim como em unidades de medidas padrão, como o metro.

Outra situação com unidades de medidas: Essas medidas são todas feitas utilizando a braça (haste/vara de madeira que os camponeses tiram no mato mesmo), ver figuras 1 e 2.

Uma braça tem aproximadamente 2,22 m (sabemos na unidade padrão, que um hectare é um quadrado com lado medindo 100m. Com essa informação podemos dividir o valor do lado por 45, que é o lado do hectare em braças, então ao fazermos essa divisão, temos aproximadamente 2,22 m que é o valor da braça em metros). A partir daí podemos descobrir em metros, os lados de cada unidade de medida, como por exemplo: quantos metros tem o lado do quadrado da conta? Isso se considerarmos a figura em quadrado perfeito; quantos metros mede o lado quadro e do hectare se considerarmos quadrados perfeitos?

Usando porcentagem, 3º conteúdo, podemos indagar: quantos por cento (%) equivale a hectare do 1 quadro? Quantos por cento (%) equivale a conta do quadro do hectare?

Foto 02 - Camponês medindo cerca com a braça (unidade de medida)



Fonte: Pesquisa de campo

Foto 03 - Camponês construindo cercas de arame farpado (unidade de medida).



Fonte: Pesquisa de Campo

São vários os conteúdos que podemos trabalhar a partir das narrativas do S.r. Pedrão, costumeiramente chamado. Entre os quais podemos citar: unidades de medidas; regra de três simples; porcentagem; área e perímetro entre outros. Como dizia Paulo feira (1996, p.106), temos que “partir dos conhecimentos prévios dos educandos”, ou seja, dos saberes do nosso contexto para a partir daí construirmos conhecimentos outros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento não é único não tão pouco uniformizado, conhecer entender “matemáticas outras” é valorizar muitas vezes o esquecido. Nesse sentido, consideramos que nosso trabalho mostrou uma nova perspectiva para com a construção do conhecimento matemático. Contextualizar, partir do contexto, de situações vividas no a dia a dia, de problemas da vida diária dos sujeitos de um determinado contexto é dá mais sentido a

Matemática. A Matemática precisa ser entendida pelos educandos como uma ciência que é inerente ao ser humano, isto é, a matemática que é utilizada diariamente, crescemos junto com a matemática.

Acreditamos que nossa perspectiva foi alcançada pois conseguimos mostrar através de pesquisas, entrevistas, outras matemáticas, que é o modo de calcular, medir do homem do campo, conhecimentos esses nunca vistos nem relatados em livros. Mostrar que podemos construir o conhecimento de forma diferenciada da tradicional, é desconstruir a ideia do conhecimento pensado pela elite e uniformizado, é compreendermos a perspectiva da Etnomatemática. Ponto vista esse, que é a Matemática utilizada por diferentes grupos. Nesse sentido, o presente artigo mostrou, através de narrativas da vida diária de um agricultor as diversas situações que podemos utilizar em uma sala de Matemática, especificamente em escolas do campo.

Nosso intuito é valorizar o conhecimento que existe, mas é como se não existisse, muitas das vezes o homem do campo é tachado como ignorante, rude sem conhecimento, essa percepção precisa ser desconstruída, inclusive, muitas vezes pelo próprio sujeito do campo.

A construção do conhecimento de forma tradicional ainda é bem presente nas salas de aula de Matemática, mostrar que a Matemática está no nosso dia a dia, e cada grupo utiliza de diferentes conhecimentos matemáticos, é reconhecer que precisamos e devemos considerar os conhecimentos do cotidiano na construção dos conhecimentos Matemáticos.

REFERÊNCIAS

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: um programa.** In: Educação Matemática em Revista – SBEM, nº1, 2º semestre, 1993.

FREIRE, Paulo Freire. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FERREIRA, Eduardo Sebastiani. **Cidadania e Educação Matemática.** In: Educação Matemática em Revista – SBEM, nº1, 2º semestre, 1993.

KINIJNIK, Gelsa. **O Saber Popular e o Saber Acadêmico na luta pela Terra.** In: Educação Matemática em Revista – SBEM, nº1, 2º semestre, 1993.].

FREIRE; Paulo, **Pedagogia da Autonomia** : saberes necessários à pratica educativa / Paulo Freire. – São Paulo : Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.